

"SUBVERSIVO EM NOME DE DEUS"

Uma análise da postura de Jesus frente à lei e tradições de seu tempo, como chave provocativa para a postura eclesial.

*Jeferson Felipe Gomes da Silva Cruz**

Resumo:

Partindo da conjuntura atual, sobretudo da prática pastoral do Papa Francisco, o texto propõe uma análise da postura de Jesus frente à lei e tradições de seu tempo. Buscando entender a postura de Jesus como opção diante de um contexto particular, sobretudo no tocante ao cumprimento da Lei, o texto resgata as circunstâncias na qual seu movimento surgiu, ressaltando a diversidade de movimentos que compartilhavam o mesmo desejo, mas destacando, no entanto, a novidade própria da prática e dos ensinamentos do Nazareno. A título de exemplo o texto resgata duas controvérsias próprias: a relação com o preceito sabático e a relação com as mulheres. Tudo isso tendo em vista uma saudável provocação para a prática eclesial hodierna.

Palavras-chave: Lei. Reino. Liberdade. Consciência. Deus. Ser humano.

Abstract:

Having as background Pope Francis pastoral practice and the current human condition this essay aims as approach key an analysis of Jesus attitude regarding the law system and cultural traditions of his time. What was Jesus attitude before a particular context, mainly concerning Law? So this article rescues the circumstances in which Jesus movement emerged and draws attention to countless social movements sharing the same *elan*. At the same time,

* Religioso Agostiniano, licenciado em Filosofia, pelo Instituto Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte - MG; Bacharel em Teologia, pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores, em São Paulo-SP; especialista em Filosofia Patrística e Escolástica, pela Faculdade de São Bento, em São Paulo-SP.

¹ *As enormes e rápidas mudanças culturais exigem que prestemos constante atenção ao tentar exprimir as verdades de sempre numa linguagem que permita reconhecer a sua permanente novidade; é que, no depósito da doutrina cristã, uma coisa é a substância (...) e outra é a formulação que a reveste. Por vezes, mesmo ouvindo uma linguagem totalmente ortodoxa, aquilo que os fiéis recebem, devido à linguagem que eles mesmos utilizam e compreendem, é algo que não corresponde ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo.* FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* Exortação Apostólica Alegria do Evangelho. São Paulo: Paulus, 2013, n. 41. Por legalismo eclesialístico entendemos, dentre outras coisas, a supervalorização das fórmulas ortodoxas em detrimento da substância evangélica.

² Cf. AGOSTINHO, *Confissões*. Livro X, 27. São Paulo: Paulus, 1997, p. 299.

³ IRINEU, *Adversus haereses*, IV, 34, 1: PG 7, 1083. Citado na *Evangelii Gaudium*, n. 11.

⁴ FRANCISCO, *op. cit.*, n. 11.

Silva Cruz contrasts the newness of Nazarene practice and teaching in his time, using as an example two typical Jesuan controversies: Jesus attitude before sabbatical commandment and the women. All this aims at a healthy development today's ecclesial practice.

Keywords: Law, God's Kingdom, Freedom, Conscience, God, Human Being.

“Queremos um Deus que acima de tudo não é a excrecência de nossas obsessões de poder, mas convite e liberdade, persuasão mais do que mandamento...Um Deus que desperta em nós nosso próprio murmúrio. E o do outro, a quem nos pede que estejamos atentos. (Adolf Gesché).

No bojo das comemorações do jubileu de abertura do Concílio Vaticano II, o mundo viu surgir, na sacada de São Pedro, um papa *diferente*. Francisco, desde aquela primeira saudação, que sucede à eleição, deixou claro que traria novidades para a Igreja. Essas novidades causaram certo incomodo nas esferas eclesiásticas, sobretudo, nas mais legalistas.¹ Como a de Jesus em seu tempo, a renovação proposta do Francisco ultrapassa o simplesmente visto e toca, certamente, o *modus vivendi*, a *práxis fidei*. Em outras palavras, o esforço de reforma empreendido pelo Bispo de Roma quer ser um resgate da *beleza antiga e sempre nova*² compilada na mensagem e na prática de Jesus.

De fato, é na referência a Jesus que as renovações encontram seu *primeiro motor*. Porque, como disse Santo Irineu, *omnem novitatem attulit, semetipsum afferens* – Cristo trouxe consigo toda a novidade.³

Com sua novidade, Ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que atravessasse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual.⁴

Talvez, o principal desconforto causado por Francisco, bem como por outros *renovadores*,⁵ seja consequente de

sua liberdade frente às normas e às tradições secundárias à mensagem evangélica. Esta intuição, que alcança máxima relevância em nosso tempo, é consonante com o resgate e a fidelidade à mensagem originária de Jesus, de forma que, qualquer renovação desse aspecto só é bem entendida se estiver vinculada a esta convicção: o Evangelho tem um coração. Não obstante, é preciso dizer:

todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são aceitadas com a mesma fé, mas algumas delas são mais importantes por exprimir mais diretamente o coração do Evangelho. Neste núcleo fundamental, o que sobressai é a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado. Neste sentido, o Concílio Vaticano II afirmou que *existe uma ordem ou hierarquia das verdades da doutrina católica, já que o nexo delas com o fundamento da fé cristã é diferente*. Isto é válido tanto para os dogmas da fé como para o conjunto dos ensinamentos da Igreja, incluindo a doutrina moral.⁶

Ao resgatar e defender esse núcleo fundamental da mensagem evangélica, o papa Francisco, especificamente, retira do *banco dos réus* a liberdade cristã frente às tradições que, hierárquica e essencialmente, são inferiores ao Evangelho.⁷ E com isso mostra-se, como Jesus, *subverso/fora da lei*.

Com isso justificamos o esforço desta análise que, por meio do resgate da postura *jesuânica* frente à lei, desperta uma séria provocação para nossa própria postura. Para logarmos o que propomos, em um primeiro momento esclareceremos nosso ponto de partida no tocante à pesquisa sobre Jesus; depois disso esforçar-nos-emos por descobrir Jesus no seu contexto vital e destacar nisto a novidade de sua proposta. Esta novidade nós cremos estar compilada no núcleo fundamental de sua mensagem, mais especificamente, num *ensinamento novo, dado com autoridade*. Para aprofundar nossa análise dedicaremos atenção a duas controvérsias pontuais, uma de cunho religioso e outra de cunho social. E, por fim, tentaremos, na medida do possível, apresentar a relevância provocativa da postura de Jesus, deixando, é claro, que o leitor decida-se sobre *a quem quer servir* (Js 24, 15).

⁵ Preferimos, antes, *renovador* que *reformador*, porque entendemos a proposta de Francisco muito mais como uma renovação da vida eclesial do que como uma reforma. E, neste contexto, Francisco soma-se a muitos outros homens e mulheres que desejaram e empreenderam constantes renovações na Igreja.

⁶ FRANCISCO, op. cit., n. 36.

⁷ São Tomás de Aquino sublinhava que os *preceitos dados por Cristo e pelos Apóstolos ao povo de Deus* são pouquíssimos. E, citando Santo Agostinho, observava que os *preceitos adicionados posteriormente pela Igreja se devem exigir com moderação*, para não tornar pesada a vida dos fiéis *nem transformar nossa religião numa escravidão, quando a misericórdia de Deus quis que fosse livre*. Idem, n. 45.

1. Descobrimos Jesus

⁸ A. GESCHÉ, *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 51.

⁹ É aquilo que a teóloga americana, Sandra M. Schneiders chama de *Imaginação pascal*, referindo-se à maneira como os primeiros cristãos construíram de forma imaginativa um todo unificado do Jesus real e do Cristo confessado. A imaginação cheia de fé dos primeiros cristãos gerou um construto paradigmático no qual se uniu sua experiência com Jesus real com sua fé que procura sentido para viver, que entra no desconhecido.

¹⁰ Cf. J. PELIKAN, *A imagem de Jesus ao longo dos séculos*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000, p. 6.

¹¹ Cf. G. BARBAGLIO, *Jesus, hebreu da Galileia*. Pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011, pp. 17-35.

*Jesus se encontra encoberto, mas reconhecível sob o palimpsesto da confissão cristológica que é o Novo Testamento.*⁸ Em outras palavras, tudo o que sabemos sobre Ele está alcançável apenas pelo testemunho de Cristo, que é trabalho de capacidade cognitivo-afetiva dos discípulos influenciada pelo Espírito, integrando experiência histórica (a morte de Jesus na cruz) com experiência de fé (a ressurreição).⁹ A partir dos escritos neotestamentários foi produzida uma variedade caleidoscópica de discursos e imagens de Jesus; desenvolveu-se uma grande variedade e multiformidade de conceitos e termos usados para descrevê-lo, dos mais ingênuos e desprovidos de sofisticação aos mais profundos e complexos. No entanto, é preciso destacar, por mais que tal multiplicidade de retratos de Jesus possa perturbar a sua imagem aos olhos de uma fé que quer afirmá-lo como *o mesmo, ontem e hoje*, essa mesma variedade é um tesouro inestimável para a história.¹⁰ Sendo assim, a análise da postura de Jesus frente às leis e tradições de seu tempo, não pode esquivar-se da séria consideração do que, até aqui, fora produzido. Até porque é preciso *firmar os pés*, definir o lugar a partir do qual se irá falar.

Nosso esforço, embora reconheça o mérito, não está ligado especificamente à defesa do acesso e, de certo modo, da *posse* do verdadeiro Jesus histórico, por meio da desmistificação dos evangelhos. Tampouco está impregnada do ceticismo histórico, ou inspirada por exigências especificamente teológicas, a ponto de defender que o verdadeiro Jesus é o Cristo pregado e crido, aquele com o qual a humanidade, até aqui, teve contato por meio dos Evangelhos. Por nossa vez, reconhecemos que a pesquisa histórica sobre Jesus não somente é possível, mas também, teologicamente necessária, e, para sermos mais específicos, depreendemos nosso esforço a partir de uma nova reviravolta: a valorização da possibilidade de conhecer não somente algumas características do Nazareno, mas também de encontrar-lhe um contexto histórico-social apropriado, aquele do tempo judaico, tirando-o do isolamento artificial no qual tinha sido aprisionado pelos estudos precedentes. Isso só é possível, claro, à medida que a pesquisa histórica conduz-se por si mesma, sobre a base das fontes documentárias à nossa disposição, mas ao mesmo tempo, mantendo a consciência de seus limites pela natureza e escassez dos testemunhos.¹¹

Procuraremos seguir nosso caminho, então, buscando compreender, na medida do possível, as posturas de Jesus como frutos de um tempo, de um espaço e de uma conjuntura muito particular.

2. O contexto

Conforme lembra Gesché, *no momento em que Jesus aparece, provavelmente por volta do ano 4 a.C., o judaísmo palestino enfrenta um claro enfraquecimento da fé*.¹² Isto tanto pela influência estrangeira vigente durante vários séculos, como pelo desejo de conformação com a civilização circundante.

De fato, a influência de outros povos marcou, decisivamente, a história e a cultura judaica. Em termos religiosos, na época de Jesus, a religião original de Israel já havia *incorporado* diversos elementos e tradições persas e helenistas. No período da dominação persa concomitante à influência cultural, destacou-se o conflito, que feria a unicidade judaica, entre a porção exilada (a elite) e os que continuaram *na terra* (os pobres). Os exilados entendiam-se como o verdadeiro Israel. Nesta situação, as tradições culturais hebraicas dos diversos grupos hierosolimitanos ganharam uma nova qualidade: um forte teor intelectual, suficiente para superar a crise sem a base e fora do ambiente da religião popular de Judá:

Formou-se uma religião elitista, de acordo com o modo como os exilados se entendiam social e politicamente, com pendor à penetração teórica, à seleção das tradições, a uma reorientação no quadro novo e alargado horizonte, e à formulação de tudo por escrito. A comunidade do exílio, desde sempre caracterizada por exigências normativas, criou o núcleo da tradição posterior *canonizada*. Foi desde então que a tensão entre tradições normativas e a religião vivida no dia-a-dia percorreu a história judaica, além dos conflitos, fundamentais ou particularizados, que ainda ocorriam na definição de cada norma.¹³

Além disso, é importante notar, a elite judaica exilada tornou-se uma potência político-econômica graças aos conchavos com a corte babilônica. Nesta época começa o processo de modelagem da imagem multiforme do judaísmo no fim da Antiguidade graças, sobretudo, a dois pontos: a questão disputada acerca do âmbito e do sentido exato das tradições obrigatórias: *o que é a Torá?* E o sentido da história, vista *linearmente* e em sua totalidade, o que acabou por levar a

¹² A. GESCHÉ, op. cit., p. 52.

¹³ J. MAIER, *Entre os dois Testamentos. História e religião na época do Segundo Templo*. São Paulo: Loyola, 2005, pp. 44-45.

uma visão escatológica da história universal. Ao se delinear, portanto, esse duplo problema, a necessidade de conseguir a *verdadeira* interpretação ficou também cada vez mais urgente. Mas, concordando com Maier, precisamos convir: apesar de tudo, no decurso de um milênio inteiro a influência iraniana não chegou a ser mais forte do que a helenística!

É fato que, de um modo geral, a helenização, do Oriente começou antes das conquistas de Alexandre Magno. E esse processo não foi unilateral, não foi única e simplesmente uma assimilação do que era grego. O fenômeno cultural do helenismo sincrético resulta antes de uma lenta compenetração dos diversos fatores regionais, de forma que, mesmo no período persa em muitos setores já se percebiam características do chamado *helenismo*. De qualquer forma,

não é possível dar uma definição unívoca da relação entre o judaísmo e o helenismo. É preciso julgar de acordo com cada época e cada lugar. E, como no caso da questão da influência iraniana, vale também aqui que uma simples alternativa não corresponde à realidade, pois conforme a situação foi exatamente nesta época que o judaísmo teve de afirmar-se de maneira *helenística*. Mas, em casos extremos e de conflitos, tentou às vezes afirmar-se contra tudo o que era grego, sendo que conflitos internos sempre desempenharam também algum papel.¹⁴

¹⁴ Idem, p. 38.

Mais conflituosa e sangrenta, no entanto, foi a dominação romana sob cujo regime, inclusive, situa-se Jesus. Mesmo que, inicialmente, os romanos tenham sido estimados como aliados, não demoraram acontecer muitas revoltas populares antirromanas. Durante o governo de Herodes, para exemplificar o peso da dominação, a Judeia vivia sob o quadro da *pax romana*. Para a religião judaica esse período foi:

de estagnação, de opressão de sua vitalidade. Um rei dos judeus que era filho de prosélitos, isso contradizia as leis tradicionais da realeza. Estas, além disso, limitavam bastante o poder real e eram irreconciliáveis com o estilo autocrático de Herodes e com sua recusa de se submeter às normas da Torá e à competência judicial judaica. Ele era um *basileus* helenista sobre judeus (e outros), não um *melek Yisra'el* (*Rei de Israel*). Seus métodos brutais de opressão sufocavam as iniciativas políticas do povo, experiência deprimente depois do entusiasmo dos anos dos macabeus e hasmoneus. Via-se, por assim dizer, a poderosa ação-de-Deus-na-história suspensa pelo poder de Roma e de seu vassalo idumeu, ou pelo menos adiada por causa de um tempo de provação, de im-

potência e sofrimento, depois do qual devia seguir a intervenção definitiva de Deus e a grande reviravolta, rumo ao Reino de Deus, por mais diferentes que fossem as fantasias respeito de como seria isso.¹⁵

¹⁵ Idem, pp. 177-178.

Nesse contexto, para oporem-se a este ritmo aceleração de *perca de identidade* muitas tentativas de restauração foram desenvolvidas. A maioria dos grupos religiosos, dentro do judaísmo, aderiu a essa inspiração reformadora, que concentra suas energias numa profunda *conversão* à Torá. De fato, a Lei estava, ao lado do templo, no centro da religião judaica. Segundo Flávio Josefo citado por Giuseppe Barbaglio:

A Lei resta imortal (*athanatos*) e não há judeu, mesmo longe da pátria, mesmo aterrorizado por um patrão cruel, que não tema mais a Lei do que a ele (*Ap 2.277*); [Leis] que são mestras não da impiedade, mas da piedade mais sincera, que induzem não ao ódio pelos homens, mas à comunhão dos bens (*koinonia*), que são inimigas da injustiça e preocupam com a justiça, que banem a ociosidade e o luxo desenfreado, que ensinam a ser autossuficientes (*autarkheis*) e laboriosos, que afastam as guerras pela supremacia, mas preparam os homens a serem corajosos defensores da própria Lei, que são inexoráveis nas penas, surdas aos sofismas dos pensamentos pré-confeccionados (*Ap 2,291-292*).¹⁶

¹⁶ G. BARBAGLIO, op. cit., p. 168.

No entanto, apesar disso, a aceitação geral da Torá não impedia que se discutisse sua interpretação com leituras rigorosíssimas por parte de grupos diversos. Os saduceus, por exemplo, representantes de uma resistência *integrista* e aristocrática, pertencentes em grande parte à elite sacerdotal centrada no Templo; embora fossem conciliadores com os romanos e se mostrassem abertos à influência grega em matéria cultural e política, eles defendiam no tocante à religião um retorno estrito à lei escrita e ao Pentateuco.

Os fariseus, por outro lado, preocupados com a renovação moral e com a aplicação da lei, cuja compreensão, segundo eles, deveria ser facilitada pela tradição, ao contrário dos saduceus, estavam próximos dos meios populares, graças às Sinagogas, e mostravam-se antirromanos.

Já os zelotas procuravam a via da renovação por meio da ação violenta e armada.

Os essênios, ao contrário dos demais, retiravam-se da vida pública e preferiam uma vida comunitária no deserto, longe do Templo e de seu sacerdócio julgado impuro, procuravam uma interiorização da Lei e uma santidade mais ascética que legalista. Tudo isso na expectativa da vinda do Messias.

É nesse contexto de redirecionamento religioso que aparecem, João, chamado o Batista, e Jesus, que vão, por sua vez e de sua maneira, tentar devolver o judaísmo a ele próprio, tornando o povo de Israel e de Judá mais conforme a sua fé em Deus.

João concentra sua reforma na vinda iminente de Deus e conclama a um arrependimento imediato e radical (cf. Mc 1, 4-5. Mt 3, 1-12. Lc 3, 3; 7-18).

Quando Jesus por sua vez aparece, é também, antes de tudo, nesse contexto de renovação da fé de Israel em que se podem situar seu ministério e seu ensinamento. Mais próximo – mesmo que as polêmicas se mantenham vivas – dos fariseus, com quem partilha a preocupação pelo povo, do que dos saduceus, seus únicos adversários irredutíveis; muito próximo de João Batista e tendo mantido talvez contato com os essênios, Jesus, do que se pode depreender de primitivo na leitura dos documentos cristãos, vai, mas de maneira que lhe é peculiar, propor uma volta a Deus.¹⁷

Qual seria então essa *maneira peculiar*? O que diferencia a mensagem de Jesus?

3. O núcleo fundamental

Se quisermos intuir o núcleo fundamental da mensagem de Jesus, precisamos, antes de qualquer coisa, atentar para um dado inalienável, de extrema relevância: os destinatários da mensagem. Diferentemente dos próprios fariseus e diferentemente de João, Jesus dirigiu-se, desde o início, prioritariamente à *gente da região*, os *am há-arets* (os pobres da terra) que, aliás, constituíam a imensa maioria dos judeus palestinos, e também aos pecadores públicos.

Os evangelizados são os pobres (Mt 11,5. Lc 7,22). Os pobres são chamados de ‘felizes’ porque o reino de Deus lhes pertence (Lc 6,20). Ora, os pobres são os que na sua miséria social, moral e espiritual sentem a necessidade de Deus e estão abertos para

a salvação que lhes é oferecida como dom gratuito. Realmente os seguidores de Jesus são recrutados entre os *publicanos e pecadores* (Mc 2, 16. Mt 2,16; 11,19. Lc 15,1), os *publicanos e as meretrizes* (Mt 21, 32) ou então entre os *pecadores* (Mc 2, 17. Lc 7,37-39).¹⁸

De fato, a preferência por este específico grupo de ouvintes, destaca uma novidade no anúncio de Jesus. É o

fundamento último para justificar o que Jesus fez é o próprio Deus, a sua bondade infinita (Mt 24, 1-15), a sua imensa alegria ao acolher aquele que erra (Lc 15, 4-10.31-32). Ele escuta o clamor dos miseráveis (Lc 18,1-8) e ouve a oração do publicano (Lc 18, 9-14). O fundamento último para justificar a boa notícia aos pobres, aos pecadores, aos pequenos é o infinito amor de Deus que se revela nas palavras e na vida de Jesus.¹⁹

Pela particularidade de seus ouvintes o ensinamento de Jesus, qualificado por Marcos como “*Euaggelion*” (cf. Mc 1, 1), *caracteriza-se pelo seu afastamento de toda abstração, por uma espécie de aliança única e particular entre as ideias mais elevadas e uma certa simplicidade feita de abertura ao humano mais familiar e mais cotidiano e de recurso constante a narrativas curtas e vivas que misturam imagens e parábolas.*²⁰

O coração, ou se quisermos usar a referência ao papa Francisco, o *núcleo fundamental*²¹ do ensinamento de Jesus concentra-se, então, no apelo ao *Reino de Deus*. *As fontes cristãs atestam como dado historicamente inabalável que Jesus não somente falou do Reino de Deus, mas também fez dele seu tema central, a quintessência e o cerne de sua pregação.*²² É esta *realidade misteriosa* chamada *Reino* que irá definir a proposta renovadora de Jesus.

Mas, o que entender por *Reino de Deus*? Segundo Dupuis,

O Reino de Deus é o domínio de Deus sobre os homens. Isso pede nova e completa orientação das relações humanas e ordenação da sociedade humana conforme as intenções divinas. Os valores que em sintonia com o senhorio de Deus hão de caracterizar as relações humanas podem ser expressos em: liberdade, fraternidade, paz e justiça. Nessa perspectiva, Jesus denuncia ao longo de sua atividade missionária tudo o que, na sociedade de seu tempo, contrariava tais valores. Razão por que se opõe a várias categorias de conterrâneos seus. Fustiga o legalismo opressor dos escribas, a exploração do povo pela classe sacerdotal, a hipocrisia arrogante dos fariseus. Não é um conformista, mas um subversivo em

¹⁷ A. GESCHÉ, op. cit., p. 54.

¹⁸ G. SEGALA, *A Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1992, pp. 54-55.

¹⁹ Idem, p. 55.

²⁰ A. GESCHÉ, op. cit., p. 55. Para aprofundar o tema específico das parábolas recomendamos o capítulo IX da obra *Jesus, hebreu da Galiléia*. Pesquisa Histórica, de Giuseppe Barbaglio. Paulinas, 2011.

²¹ Cf. FRANCISCO, op. cit., pp. 27-29.

²² G. BARBAGLIO, op. cit., p. 261.

nome de Deus. Recusa-se a aceitar as estruturas injustas e os estereótipos da sociedade em que vive e se liga, preferencialmente, aos pecadores, aos cobradores de impostos, aos samaritanos, às prostitutas, a todos os grupos, enfim, desprezados pela sociedade de seu tempo. A essas categorias Jesus anuncia o Reino de Deus, convidando-as a participarem dele pela conversão a uma nova vida.²³

²³ J. DUPUIS, *Introdução à Cristologia*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 62.

²⁴ Com isso queremos salientar: *El punto de partida es lo positivo del evangelio y solo desde ahí se puede pasar a ver lo negativo, las carencias y las limitaciones. Por el contrario, si partimos desde la negatividad de la vida fácilmente surge la depresión e el lamento, como ocurre a los “profetas de calamidades”, que denunció Juan XXIII en el Concilio Vaticano II. A ellos se debe desde la moralización del cristianismo y que en el discurso eclesial abundan más las quejas por los pecados que presentar el cristianismo como una oferta de esperanza e de dicha*. J. A. ESTRADA, *De la salvación a un proyecto de sentido*. Por una cristología actual. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2013, pp. 139-140.

O Reino é visto, então, como a vinda não de uma libertação política (ao contrário dos zelotas) ou de um transtorno cósmico, mas como a vinda da hora de Deus, ou seja, quando cada ser humano é chamado, por meio de atos interiores de arrependimento e misericórdia e principalmente de *ágape*, a decidir-se, diante de si mesmo, por Deus e pelo seu próximo (cf. Mc 12, 28-34).

Fora da centralidade do Reino e da especificidade dos destinatários, a compreensão da *novidade* do ensinamento de Jesus resulta deficiente. Com esses destaques podemos, agora, aprofundar nossa análise sobre sua postura frente à lei e tradições de seu tempo.

4. Que é isto? Um novo ensinamento com autoridade! (Mc 1, 27a).

Conforme salientamos, a ideia de Jesus sobre o Reino era nova e original. E, ao que parece, para ele não era preciso correr atrás da infelicidade ou da dramatização para encontrar Deus.²⁴ Embora não esteja separado do judaísmo reformador de seu tempo, que insistia na Lei, Jesus modifica o sentido que ele acabou tomando pelo afastamento de sua virtude original, sob as múltiplas leis, mandamentos e prescrições que a tradição tinha sobreposto. Para Jesus, a Lei é menos um princípio formal de obediência e muito mais o apelo à obediência interior e concreta à vontade de Deus. Além disso, é muito clara a diferenciação que Ele faz entre Lei de Deus e tradição dos homens (cf. Mt 15, 6b-9). E, neste caso, a regra de conduta e de discernimento é a prioridade do espírito sobre a letra. O cuidado do ser humano prevalece à observação do rito; a reconciliação precede o culto; a salvação tem fronteiras infinitamente mais largas do que a pureza legal ou a conformidade às prescrições sociais (cf. Mt 5, 17-48). O segredo de Jesus e de sua misericórdia era conceder a todo ser humano o acesso a Deus.

Para ele, a santidade de Deus está em um lugar diferente das questões sobre o puro e o impuro. Jesus não vê nisso o critério da relação com Deus. Não fica preocupado com o puro e o impuro

(cerimonial na mesa, contato com certos tipos de doença ou de indisposições etc.). Não tem medo de misturar-se com pagãos (centuriões romanos, cananeus, siro-fenícios) ou com heréticos (como os samaritanos), coisa inaudita e até “indefensável” para a época. E se reconhece a César seus direitos, não o faz com o oportunismo dos saduceus. Muito singular e marcante também é seu desembaraço com as mulheres, comportamento insólito que intriga os que estão próximos a ele e que não se encontra entre nenhum de seus *predecessores*.²⁵

²⁵ A. GESCHÉ, op. cit., p. 58.

Com isso, Jesus não *revoga a Lei ou os profetas, mas dá-lhes pleno cumprimento* (Mt 5,17) e demonstra qualitativa soberania, liberdade e autoridade sobre os demais reformadores, seus contemporâneos.

Tendo em mente este conjunto de dados, que emolduram a prática de Jesus, vamos agora aprofundar nossa análise em duas controvérsias pontuais: a relação com o preceito sabático e a relação com as mulheres.

5. Controvérsias pontuais

Da mesma forma que Sobrino, nós entendemos por controvérsias as discussões, entre Jesus e seus adversários, que versam diretamente sobre a visão que Jesus tem da realidade social e religiosa.²⁶ Nos sinóticos é possível perceber, mesmo que existam outras, cinco controvérsias diretas: cura e perdão de um paraplégico; a refeição com os pecadores; a questão sobre o jejum; as espigas arrancadas no sábado; e a cura do homem com a mão seca.

²⁶ Cf. J. SOBRINO, *Jesus, o libertador. A História de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 242.

A primeira e a última controvérsia, conforme a sequência supracitada, apresentam:

Em seu núcleo dois milagres, atividade que de per si não tinha por que desencadear uma controvérsia. Na redação final, porém, os fatos se tornam controvertíveis pelas circunstâncias acrescentadas. No primeiro relato Jesus se declara não só com poder de curar, mas também de perdoar pecados. No quinto relato Jesus faz a cura num sábado.²⁷

²⁷ Idem, p. 245.

Em tais relatos a controvérsia não tem como base um fato social, mas sua inserção em uma dimensão religiosa. Já nas outras controvérsias citadas são apresentados alguns fatos que, por sua natureza e na sociedade do tempo de Jesus, levavam em si mesmo à controvérsia. Nestes casos, Jesus e seus discípulos rompem com as normas sociais que impunham distância dos publicanos e pecadores, e impunha o jejum e

o respeito à propriedade privada. Como já sinalizamos, elegemos, entre as tantas, duas controvérsias para aprofundar nossa análise sobre a postura de Jesus frente à lei e tradições de seu tempo. São elas, a relação com o preceito sabático e a relação com as mulheres. Uma controvérsia religiosa e outra social.

5.1. A relação com o preceito sabático.

Para compreender melhor a radicalidade da afirmação de Jesus sobre o sábado é importante ressaltar que,

Segundo a concepção judia, Deus mesmo celebra o sábado no mundo celeste com todos os anjos; o povo eleito, Israel, deve participar desta celebração; o mandamento do sábado é uma ordem para que o povo de Israel honre a Deus em grau proeminente. Segundo isto, a observância do sábado não é só um mandamento – arbitrário – de Deus, mas a possibilitação da correta relação com Deus. [...] Neste contexto, as palavras de Jesus devem ter soado aterradoras.²⁸

²⁸ Idem, p. 245. A frase em itálico é uma citação do autor H. Braun.

A postura de Jesus com relação ao preceito sabático aparece, sobretudo, em dois relatos: as espigas arrancadas em dia de sábado (cf. Mc 2, 23-27. Mt 12, 1-8. Lc 6, 1-5) e a cura do homem com a mão atrofiada (Mc 3, 1-6. Mt 12, 9-14. Lc 6, 6-11).

No primeiro relato, os discípulos de Jesus são vistos arrancando e comendo espigas no sábado. Para justificar tal *escândalo*, Jesus cita o caso histórico de Davi e seus companheiros que, chegando com fome ao Templo, comeram os pães sagrados. Apesar de usar um caso de urgência para justificar outro que não parece sê-lo, Jesus trata de estabelecer uma escala de valores e apresenta um critério para entender o sentido da lei sabática.

Pues bien, en esa escala aparece, por un lado, el valor religioso del sábado y, por otro, su utilización humana por parte de David. Y ahí está lo radical. De acuerdo con la versión de Marcos, Jesús establece que, en esa comparación, lo relativo es el sábado, y el bien del hombre lo absoluto [...] Ahora bien, quien toma en serio tal argumentación está obligado a dar un paso más, en el que poco se piensa de ordinario. Al decir que el criterio para leer la ley sobre el uso del sábado es que está hecho para el hombre, se supone que el lector de la ley debe salir al descubierto y decidir, antes de la lectura de la ley sobre

el sábado, que es bueno para el hombre. En otras palabras, que debe aceptar el riesgo de llevar consigo una pre-comprensión que condicionará su lectura. Debe asumir el peligro de ser un hombre libre ante Dios. Ante el mismo Dios que impone la ley. Y es el mismo Dios el que así se lo indica y exige.²⁹

Após a polêmica das espigas, aparece a da cura em dia de sábado. Também diante desta vale a escala de valores que precisa anteceder a compreensão correta da lei. Jesus supõe que o bem e o mal humanos não de ser determinados antes de consultar o religioso e independentemente desse campo específico, de forma que é preciso decidir-se anteriormente. É preciso ter claro que Deus não quer que a observância do culto impeça a observância do que é humano, mas exatamente o contrário, por que fazer a vontade de Deus é praticar a justiça com todas as pessoas e não, simplesmente, a execução de um ritual (cf. Is 1, 10-20).

Outra controvérsia que escolhemos é a relação com as mulheres. Esta também marca a novidade da proposta de Jesus. É certo que sua originalidade consistiu em que ele viveu ações extremas de entrega de si, atenção às pessoas em situações de marginalização, de segregação social e religiosa. Em todas elas mostrou enorme soberania e liberdade de coração. E isto fica bastante perceptível na sua relação com as mulheres.

Jesus nasceu numa sociedade em cuja consciência coletiva estava gravado alguns estereótipos sobre a mulher, transmitidos durante séculos. Enquanto crescia, Jesus pôde ir percebendo-os em sua própria família, entre seus amigos e na convivência diária [...] Essa visão negativa da mulher não perdeu força ao longo dos séculos. No tempo de Jesus, pelo que podemos saber, era talvez mais negativa e severa [...] O comportamento das mulheres que se afastam de casa e andam sozinhas, sem a vigilância de um homem, tomando parte em refeições ou atividades reservadas aos varões, era considerado uma conduta desviada, própria das mulheres que descuidam de sua reputação e de sua honra sexual. Jesus o sabia quando as aceitava em sua companhia...³⁰

De fato, a cultura semita estava marcada por um profundo machismo, desde os ritos de iniciação (cf. Ex 13, 1- 2. Nm 18, 15), até as funções principais na sociedade. Houve, sem dúvida, personagens femininas importantes ao longo da história, no entanto, mesmo assim o acento masculino firmou-se a despeito da mulher. Jesus bebeu essa cultura, mas

²⁹ J. L. SEGUNDO, *La historia perdida y recuperada de Jesús de Nazaret*. De los sinópticos a Pablo. Santander: Sal Terrae, 1991, pp. 223-224.

³⁰ PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximación histórica*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 256 s.

demonstrou a originalidade de sua personalidade não compactuando com ela.

A título de exemplo, podemos resgatar nos relatos evangélicos, três cenas significativas no que tange à relação de Jesus com o sexo feminino: A da mulher pecadora que, aproveitando a refeição na casa de um fariseu, banha os pés de Jesus com suas lágrimas e os seca com seus cabelos, cobrindo-o de beijos e unguendo-os com perfume (cf. 7, 36-50); a cena da mulher colhida em flagrante adultério (cf. Jo 8, 1-11); e a da unção em Bethânia, quando uma mulher unge Jesus com perfume de nardo puro (Mc 14, 3-9). Enfim, as mulheres que se aproximavam de Jesus pertenciam, de modo geral, ao estrato mais baixo daquela sociedade. Provavelmente, muitas delas não estavam vinculadas a nenhum homem: viúvas indefesas, esposas repudiadas, mulheres sozinhas, sem recursos, pouco respeitadas e de fama não muito boa, sem contar as prostitutas, consideradas por todos como a maior fonte de impureza e contaminação. Acolhendo a todas elas, Jesus revelou o coração de Deus. Materializou o Reino. Tudo isso porque, para ele, interessava, antes de tudo, a situação de sofrimento das pessoas e não a lei, a norma, a regra externa. Por sua aproximação manifestava como Deus age.

O que está no fundo das controvérsias é o seguinte: a realidade de Deus em relação com os seres humanos e a dos seres humanos em relação com Deus. O que Jesus pretende é simplesmente afirmar em que consiste a verdade dessa relação. Em palavras de hoje, Jesus pretende realizar um processo de “ilustração” da imagem de Deus. Por mais lógica que parecesse aos fariseus sua própria imagem de Deus, Deus não é assim, diz Jesus [...] *O reto serviço de Deus não meramente pode ser, mas é necessário que seja serviço ao homem.*³¹

³¹ J. SOBRINO, op. cit., p. 246. A frase em itálico é uma citação do autor H. Braun.

³² A. GESCHÉ, op. cit., p. 58-59.

Com isso, podemos, seguindo Gesché, concluir que *com Jesus, uma nova imagem da relação entre Deus e os seres humanos se delineia, menos escrupulosa e menos embaraçosa, mais generosa e mais confiante.*³²

6. A relevância da postura de Jesus.

Pelo que vimos até aqui, Jesus foi um homem livre de preconceitos, com os olhos abertos para o essencial, sem medo da proximidade. A partir de sua *práxis* fica claro: o que salva é o amor, a aceitação desprendida do outro e a total abertura para Deus. Desta forma, não é a participação no culto que

garante o estar bem com Deus; não é o cumprimento das leis e normas que nos torna justificados, porque seu grande objetivo é a doação total; a distinção entre obras de piedade e obras profanas⁵³ não existe mais, porque a maneira de praticar as obras de piedade não deve distinguir-se da maneira de se praticar as outras obras (Mt 6, 17-18); a própria consciência, diante de Deus, torna-se o grande santuário do discernimento (Mt 6, 4.6.18).

Tudo isso, não podemos negar, inaugura um novo tipo de homem e de humanismo. Se o desejo dos reformadores judaicos, em seus diversos expoentes, era devolver o judaísmo a si mesmo, Jesus foi mais além: devolveu o homem a si mesmo. Sua postura superou profundas alienações.

Nas questões importantes da vida nada pode substituir o homem, nem a lei, nem as tradições, nem a religião. Ele deve decidir-se de dentro para fora, frente a Deus e frente ao outro. Para isso ele precisa criatividade e liberdade. A segurança não vem da observância minuciosa das leis e de sua adesão irrestrita às estruturas sociais e religiosas, mas do vigor de sua decisão interior e da autonomia responsável de quem sabe o que quer e para que vive [...] O que conta agora não são categorias exteriores e etiquetas que homens podem colar e descolar. Mas o que se revela no coração que se abre para Deus e para o outro. Aqui é que se decide quem é bom ou mau, divino ou diabólico, religioso ou a-religioso [...] e esse] comportamento provocou, sem violência, um tipo de revolução social e cultural [...] que está na base de nossa civilização ocidental hoje vastamente secularizada e esquecida de seu princípio genético. Tudo isso entrou no mundo por causa do comportamento de Jesus que atingiu o homem pelas suas raízes, acionando o princípio-esperança e fazendo-o sonhar com o Reino que não é um mundo totalmente outro que este, mas esse mesmo, porém totalmente novo e renovado.³⁴

Aqui se nos impõe um ultimato: *Escolhei a quem quereis servir* (Js 24, 15). Como vamos nos portar? Qual será nossa postura diante dos pobres, das prostitutas (os), dos (as) homossexuais, dos (as) reincidentes criminais, dos idosos, das mães solteiras, dos *deficientes* físicos e mentais, do homem e da mulher de nosso tempo?

O bispo de Roma como mencionado no início parece ter escolhido viver seu ministério segundo o núcleo fundamental do Evangelho: *miserando atque eligendo*. Com todos os perigos que isso acarreta. Sua iniciativa provoca todos os cristãos ao encontro – ou reencontro – com o *amor de Deus*, que se converte em amizade feliz, que nos resgata da nossa

⁵³ Aqui entendemos como obras de piedade aquelas relacionadas diretamente ao sacral, enquanto que as obras profanas referem-se às demais obras cotidianas.

³⁴ L. BOFF, *Jesus Cristo Libertador*. 16^a Ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 59.

³⁵ Cf. FRANCISCO, op. cit., p. 11.

consciência isolada e da autorreferência; ajudando-nos a ser, cada vez mais, plenamente humanos.³⁵

Ao que parece se quisermos investir na fidelidade a Jesus e apresentar ao mundo a relevância de nossa fé, urge que crescamos na *compreensão do Evangelho, no discernimento das sendas do Espírito e que não renunciemos ao bem possível, ainda que corramos o risco de sujar-nos com a lama da estrada.*³⁶ É a única forma de, como Jesus, sermos livres.

³⁶ Idem, p. 33.